

MEDIAÇÃO LITERÁRIA COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA: CONTRIBUIÇÕES PARA A ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DO LEITOR NA INFÂNCIA

Rayanne dos Santos Dibbern¹; Karynne dos Santos Nascimento²; Heloisa Josiele Santos Carreiro³

¹Estudante de graduação na Faculdade de Formação de Professores na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em São Gonçalo no RJ, Brasil. Rayannedibbern@gmail.com;

²Estudante de graduação na Faculdade de Formação de Professores na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em São Gonçalo no RJ, Brasil. santokarynne31@gmail.com

³Doutora em Educação e professora da FFP/ UERJ. helo.carreiro.uerj.ffp@gmail.com

Resumo

Este artigo incentiva a leitura compartilhada como prática essencial ao processo de alfabetização e à formação de crianças leitoras. A investigação baseia-se nas vivências do projeto "Rodas de Contação e Leitura na Praça: pretextos para encontros entre a comunidade acadêmica e a comunidade do Paraíso", com foco nas experiências de mediação realizadas na Praça dos Ex-Combatentes (FFP-UERJ) e em uma escola municipal em São Gonçalo. Amparado por teóricos como Cândido, Corsino, Freire e Todorov, o trabalho analisa como a mediação literária favorece a alfabetização e a construção da identidade leitora infantil. Além disso, os relatos da experiência como bolsista destacam o despertar do desejo das crianças pela leitura durante as práticas de mediação, reforçando o papel do mediador como ponte fundamental entre o livro e o pequeno leitor no contexto social e escolar.

Palavras-chaves: Leitura. Infância. Espaço público.

1. Introdução

No amplo horizonte cultural brasileiro, a leitura sempre foi considerada uma ação sagrada do conhecimento, na qual saber e imaginação se entrelaçam nas páginas dos livros. Há décadas, constitui-se como pilar fundamental na formação cultural e intelectual de crianças, jovens e adultos, funcionando também como espaço de fuga do cotidiano que, muitas vezes, sobrecarrega as pessoas. Nesse contexto, surge a seguinte questão: como a mediação de leitura compartilhada pode contribuir simultaneamente para o processo de formação cultural e para a construção da subjetividade leitora na criança em sua primeira e segunda infância (dos 3 aos 9 anos)?

As vivências no projeto de iniciação científica, "Rodas de Contação e Leitura na Praça:

pretextos para encontros entre a comunidade acadêmica e a comunidade do Paraíso" evidenciam a relevância dessas experiências para a compreensão de que a literatura é, conforme defende Antônio Cândido (2004), um bem incomensurável e um direito humano fundamental.

Ao ocupar a praça com livros, o projeto reafirma que a arte literária não é privilégio das elites, mas uma necessidade universal que contribui para a formação da personalidade e para a organização do caos interno do sujeito. No contexto do Paraíso, essa humanização proposta por Cândido (2004) ganha contornos práticos: a mediação de leitura compartilhada oferece às crianças a oportunidade de transcender sua realidade imediata, permitindo que a imaginação funcione como instrumento de compreensão do mundo e de si mesmas.

Essa perspectiva é ampliada pelo pensamento de Tzvetan Todorov (2011), que destaca o papel da literatura como via de acesso à condição humana. Para o autor, o texto literário possibilita ao leitor vivenciar experiências plurais, rompendo o isolamento do "eu" para encontrar o "outro". Tal movimento é essencial na construção de uma subjetividade leitora crítica e empática.

Dialogando com Patrícia Corsino (2014), observa-se a interação entre sujeito e objeto literário, enfatizando a criança como sujeito sociocultural ativo. A autora ressalta que a mediação deve ser espaço de acolhimento das múltiplas linguagens infantis, no qual ler junto fortalece vínculos afetivos e sociais. Assim, a experiência no projeto materializa a união entre teoria e prática: ao integrar academia e comunidade, promove-se uma formação intelectual que não ignora a sensibilidade, garantindo que a subjetividade leitora floresça no solo fértil da convivência coletiva e do respeito às diversidades culturais.

Para compreender a complexidade dessas interações no cenário de São Gonçalo, este artigo organiza-se em quatro pontos centrais: investigação do embasamento teórico que sustenta a leitura como direito humano e via de acesso à alteridade, fundamentando-se em Cândido (2004) e Todorov (2011); análise da criança como sujeito ativo e protagonista de sua própria aprendizagem, dialogando com as contribuições de Corsino (2014) sobre ludicidade e subjetividade; apresentação da metodologia do projeto e da pesquisa; reflexões sobre a dimensão política e social da leitura no espaço público, utilizando o referencial freireano para analisar como o encontro entre a FFP-UERJ e a comunidade do Paraíso transforma a praça em território de diálogo, no qual a leitura da palavra e a leitura do mundo, como bem aponta Freire (1989), se entrelaçam em um movimento dialético, em que o ato de ler não se encerra na alfabetização técnica, mas se expande como ferramenta de emancipação e abertura de

novos horizontes sociais que se entrelaçam na construção de novos horizontes para alfabetização e letramento.

2. A metodologia: os caminhos e seus encontros

A presente escrita é fruto de relatos de experiências fundamentados na pesquisa qualitativa de cunho narrativo (auto)biográfico. As ações analisadas foram desenvolvidas no âmbito do projeto "Rodas de Contação e Leitura na Praça", tendo como cenários principais a Praça dos Ex-Combatentes e uma escola municipal em São Gonçalo, ambos próximos à Faculdade de Formação de Professores UERJ (FFP). A escolha metodológica busca romper com a rigidez documental para abraçar a escuta sensível e a reflexividade autobiográfica, dialogando com a perspectiva de Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016) que nos mostram que as narrativas na primeira pessoa são fontes privilegiadas que permitem ao pesquisador compreender como os indivíduos dão sentido às suas experiências. Assim, a praça e a escola tornam-se campos para observar o fenômeno da leitura em sua dimensão humana e social.

A metodologia estruturou-se em três etapas fundamentais, voltadas para transformar o espaço público em território de aprendizagem e troca.

O primeiro passo, como bolsista, consistiu no planejamento. Era necessário definir quais obras poderiam dialogar com as crianças, considerando a diversidade cultural e faixa etária. A seleção foi feita a partir do acervo do Coletivo de Estudos e Pesquisas Sobre Infância e Educação Infantil (COLEI), priorizando textos que, conforme aponta Todorov (2011), instigam a imaginação e o estranhamento necessários à formação do leitor.

Na segunda etapa, os encontros ocorreram na praça. Convidaram-se os passantes a explorar os livros selecionados, montando uma tenda como espaço de acolhimento e permanecendo próximos para mediar por meio de conversas, rodas de leitura e contação de histórias. Quando o foco era a escola, as ações se davam em rodas de mediação literária, organizadas em disposição circular, estratégia pedagógica inspirada em Paulo Freire (1989), para romper a hierarquia tradicional entre universidade e comunidade e permitir que o diálogo fluísse de forma horizontal.

Por fim, a metodologia incluiu observação e registro das reações infantis e das interações comunitárias. Como mediadora e bolsista, utilizei registros de campo para anotar intervenções das crianças, seus momentos de protagonismo e como o "pretexto" da leitura despertava memórias e vivências pessoais. Essa coleta de dados qualitativos permitiu cruzar a prática vivenciada no Paraíso com os referenciais teóricos de Cândido (2004) e Corsino

(2014), validando a hipótese de que a ocupação lúdica da praça é uma ferramenta eficaz tanto para a alfabetização quanto para o fomento de uma cultura leitora que respeita a subjetividade da criança gonçalense.

O uso de registros de campo e da observação encontra suporte em Lüdke e André (1986), que reiteram a importância de instrumentos capazes de capturar o significado das experiências dos sujeitos. Além disso, a análise das vivências, ao articular prática e teoria, fundamenta-se na abordagem narrativa e (auto)biográfica proposta por Passeggi, Oliveira e Nascimento (2016). Os registros do diário de campo e as narrativas produzidas no âmbito do projeto deixam de ser meros documentos de controle para tornarem-se fontes biográficas que revelam como as crianças dão sentido à experiência da leitura. Ao invés de uma decomposição de mensagens, busca-se compreender os processos de biografização infantil e a construção da subjetividade leitora, transformando os relatos das rodas de conversa em um conhecimento científico que valoriza a dimensão humana e a reflexividade no contexto da formação de leitores.

3. A Literatura como Direito e Necessidade Humana

Nas experiências vivenciadas no projeto "Rodas de Contação e Leitura na Praça: pretextos para encontros entre a comunidade acadêmica e a comunidade do Paraíso", observa-se a potência de levar a literatura para espaços públicos, transformando-a em um direito prazeroso e acessível. Antônio Cândido (2004) defende que o fenômeno literário atua como uma "necessidade básica", pois satisfaz o desejo de ficção e de fabulação inerente a todo ser humano. Ao levar o acervo de livros do COLEI da FFP-UERJ para o espaço aberto do bairro Paraíso, o projeto rompe com a concepção da leitura como privilégio das classes abastadas, além de ressignificar sua presença em uma escola da região, em que a leitura deixa de ser vista como mero dever escolar.

Segundo Cândido (2004), a literatura humaniza porque nos permite organizar nossos próprios sentimentos por meio das palavras do outro. Nesse sentido, a mediação literária em espaços públicos funciona como um ato de reparação social, garantindo que crianças de São Gonçalo tenham acesso a um instrumento capaz de combater a desumanização cotidiana.

Essa função humanizadora ganha profundidade quando dialogamos com Todorov (2011). Em Introdução à Literatura Fantástica, o autor explora como o texto literário coloca o leitor em um estado de "hesitação" entre o real e o imaginário. Transpondo essa lógica para a mediação na escola e na praça, percebemos que ler para uma criança não significa apenas

transmitir uma história, mas convida-a a habitar um espaço de incerteza, na qual sua percepção do mundo é desafiada. Todorov argumenta que a literatura integra elementos que a lógica cotidiana frequentemente exclui, em suas palavras: "A literatura permite que cada um de nós responda à sua vocação de ser humano. Ela alarga o nosso mundo, incita-nos a imaginar outras maneiras de o conceber e de o organizar. É um instrumento de comunicação e de relação com os outros, que nos faz sair do isolamento individual" (Todorov, 2011, p. 24). Assim, ao encontrar o "fantástico" ou o narrativo nas rodas de leitura, a criança desenvolve uma subjetividade capaz de lidar com o ambíguo e o desconhecido.

Na visão todoroviana, a leitura deixa de ser uma atividade passiva de recepção para se tornar uma experiência de integração entre o "eu" e o "outro". A literatura, como via de acesso à condição humana, possibilita ao leitor vivenciar experiências plurais. No contexto das mediações na praça e na escola municipal, a criança não está apenas aprendendo a decodificar sílabas; ela é instigada a interpretar signos e construir sentidos para além da literalidade. Para Todorov, a literatura nos ajuda a viver, pois rompe o isolamento do sujeito.

Nas rodas de mediação, esse rompimento ocorre coletivamente: a voz do mediador e o olhar da criança se encontram para transformar o texto escrito em uma ferramenta viva de autoconhecimento e empatia social.

A convergência entre a "necessidade básica" de Cândido (2004) e a "comunicação com os outros" de Todorov (2011) revela que a mediação literária no Paraíso é, em essência, uma prática de democratização da sensibilidade. Ao proporcionar o contato com o objeto livro em ambientes não convencionais, o projeto permite que a criança gonçalense exerça seu direito ao imaginário, transformando a "hesitação" estética em uma ferramenta de leitura crítica da realidade. A experiência literária deixa de ser um evento abstrato para tornar-se uma vivência concreta de alteridade, em que o sujeito infantil, ao se reconhecer nas tramas narradas, descobre novas possibilidades de ser e estar no mundo, desafiando as limitações impostas pelo seu contexto social imediato.

Dessa forma, a atuação na Praça dos Ex-Combatentes e na escola municipal confirma que a literatura funciona como um anteparo contra a brutalidade, organizando o que Cândido (2004) define como o "caos interior" por meio da fabulação. Para a pesquisadora em formação, observar esse processo nas rodas de leitura é constatar a literatura como um organismo vivo: ela não apenas "alarga o mundo", como propõe Todorov (2011), mas também o reconstrói no íntimo de cada pequeno leitor. Assim, a mediação sensível atua como o elo necessário para que o texto literário cumpra sua função plena, garantindo que o acesso à formação estética e

ao conhecimento simbólico seja o ponto de partida para a formação de cidadãos mais empáticos e plenamente conscientes de sua humanidade.

4. O Protagonismo Infantil e as Múltiplas Linguagens na Mediação

Ao direcionarmos o olhar da teoria literária para a prática pedagógica no projeto, torna-se fundamental compreender quem é o sujeito que habita a Praça dos Ex-Combatentes. Com base nas reflexões de Patrícia Corsino (2014), observamos que a interação entre o sujeito e o objeto literário só ganha sentido quando reconhecemos a criança como um sujeito sociocultural ativo.

Para a autora, a infância não deve ser entendida como um estágio de espera ou mera preparação para a vida adulta, mas como uma categoria social plena de significados e produtora de cultura. Essa perspectiva desconstrói a ideia de uma infância abstrata e neutra, situando as crianças de São Gonçalo como agentes sociais que, ao ouvirem uma história na praça ou na escola, realizam processos de apropriação e reinvenção da realidade.

Dando continuidade às reflexões, destacamos que a mediação deve ser, primordialmente, um espaço de acolhimento das múltiplas linguagens infantis, funcionando como uma "travessia" entre o real e o imaginário. As ações do projeto materializam essa ideia ao transformar o espaço público em um lugar em que ler junto fortalece vínculos afetivos e sociais, permitindo que a palavra ganhe vida no fluxo da comunicação verbal e extraverbal. Corsino (2014), fundamentada em Bakhtin e Vygotsky, ressalta que é nas trocas cotidianas que os signos ideológicos se constituem. Assim, quando a criança protagoniza durante as mediações, seja por meio de comentários, gestos, silêncios reflexivos ou de uma nova interpretação para o desfecho de um livro, ela exerce sua subjetividade e constrói sua identidade como leitora em um contexto coletivo.

Aprofundando a análise das experiências no entorno das ações do projeto de Iniciação Científica desenvolvido na Praça dos Ex-combatentes no Paraíso, à luz da obra Travessias da literatura na escola, Corsino (2014), percebemos que a mediação literária na praça ou na escola municipal deve superar o caráter meramente escolarizante para se tornar uma experiência de "encontro". A autora enfatiza que a literatura na infância está intrinsecamente ligada ao jogo e à brincadeira, elementos que permitem à criança explorar "faces, máscaras e metáforas" de si mesma e do mundo.

Observou-se, no cotidiano das atividades como bolsista, que o desejo de ler não é algo imposto, mas cultivado na liberdade do espaço aberto, no qual a leitura compartilhada se torna

um verdadeiro "elo de coletividade". Ao integrar academia e comunidade, o projeto garante que a subjetividade leitora floresça não de forma isolada, mas em diálogo com o outro, reafirmando que a literatura é um terreno de descobertas no qual a criança tem o direito de ser ouvida e de produzir seus próprios sentidos sobre o que é lido.

5. A Leitura do Mundo e a Dialógica na Praça

A escolha da Praça dos Ex-Combatentes como palco principal do projeto "Rodas de Contação" ecoa, de forma fundamental, o pensamento de Paulo Freire (1989), para quem a "leitura do mundo precede a leitura da palavra". Antes mesmo de dominarem o código alfabético, as crianças do Paraíso já são leitoras críticas de seu território, de suas carências e de suas potências. Nesse sentido, a mediação literária não surge para preencher um vazio de conhecimento, mas para dialogar com a leitura prévia que esses sujeitos já possuem da realidade. Ao organizarem-se em roda no espaço público, estabelece-se um movimento dialético em que o livro torna-se ferramenta de ampliação da consciência, permitindo que a criança articule sua vivência local com suas experiências sociais e com o universo simbólico da literatura.

Nesse cenário, a relação entre a comunidade acadêmica da FFP-UERJ e a comunidade local ultrapassa os limites da iniciação científica universitária para se configurar um verdadeiro "círculo de cultura" freiriano (1997). A mediação deixa de ser mera transmissão de informações e passa a ser um ato de liberdade, no qual o saber acadêmico se horizontaliza. Assim, entendemos que Freire (1997), defende que ninguém educa ninguém, mas que os homens se educam entre si, mediados pelo mundo. Na praça, todos se tornam mediadores: o livro é o pretexto para que o diálogo ocorra de forma autêntica. Essa estrutura democrática de compartilhamento fortalece o protagonismo da criança, que se sente autorizada a falar, questionar o texto e intervir na narrativa a partir de sua própria bagagem cultural.

Interligando essa conexão, a ideia de "travessia" proposta por Corsino (2014) ganha contornos políticos sob a ótica freireana. Não se trata apenas do caminhar do leitor em direção ao livro, mas do sujeito em direção à sua própria autonomia. Ao protagonizarem durante as mediações, as crianças de São Gonçalo deixam de ser meras espectadoras para se tornarem sujeitos da busca. Como bolsista, pude observar momentos em que o desejo de se tornar leitor está diretamente ligado a esse empoderamento: a criança quer ler porque percebe que a palavra escrita é também uma forma de dizer o seu próprio mundo e de reivindicar seu espaço na sociedade e ela poderá fazer isso sendo autora e escritora de suas próprias palavras.

6. Reflexões Freirianas sobre a Mediação Literária

As vivências ocorridas na Praça dos Ex-Combatentes e na escola municipal encontram seu maior eco na pedagogia de Paulo Freire (1989, p. 9). Para o autor, a "leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele" a linguagem e a realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto", o que significa que as crianças chegam aos momentos de contação com um repertório rico de vivências, linguagens e percepções sobre o seu território.

Nessa perspectiva, a mediação literária não busca preencher um vazio de conhecimento, mas estabelecer uma ponte entre o saber popular da comunidade do Paraíso e o universo da literatura escrita. Ao transformar a praça em espaço de aprendizagem, o projeto valida a identidade local e promove o que Freire define como educação dialógica, em que o ato de ler se torna um movimento crítico que articula a leitura da palavra à leitura do mundo.

Durante as mediações, o protagonismo das crianças emergia justamente quando relacionavam as histórias lidas às suas próprias realidades sociais e familiares. O livro, como sugere o título do projeto, tornava-se um "pretexto" para o encontro. Como bolsista, pude observar que a prática freiriana se materializava na escuta atenta: o mediador não detém a verdade absoluta sobre o texto, mas compartilha a descoberta com o grupo. É nessa horizontalidade que o desejo de ler se fortalece, pois a criança percebe que sua voz tem valor e que a leitura é uma ferramenta de poder para interpretar e intervir em sua própria história.

Assim, a atuação na Praça dos Ex-Combatentes configura-se como uma "prática de liberdade". Ao incentivar que as crianças protagonizem durante as mediações, fomenta-se não apenas a alfabetização linguística, mas também a conscientização. Ler na praça, em frente à universidade, é um ato político que afirma que a cultura e o conhecimento devem estar onde o povo está. A subjetividade leitora constrói-se nesse entrelaçamento entre a palavra escrita e a realidade vivida, permitindo que a criança se reconheça como produtora de cultura e sujeito transformador de sua realidade.

As ações realizadas constituem um exercício de "reler" a realidade através da literatura, evitando o que Freire chama de memorização mecânica da descrição do objeto. O texto literário não é um pacote fechado, mas um convite à curiosidade epistemológica. Ao relacionar o enredo com o cotidiano em São Gonçalo, a criança deixa de ser apenas alfabetizada para tornar-se leitora crítica que, ao compreender o texto, compreende também as tensões e as

belezas de seu próprio contexto social. A leitura torna-se, então, um ato de criação e de tomada de consciência, "ler a palavra" só faz sentido se resultar em uma nova e mais profunda "leitura do mundo".

Essa vivência dialógica permite que a mediação literária atue como um disparador da "biografização" (Passeggi, Nascimento e Oliveira, 2016). Ao interagir com a história, a criança de São Gonçalo não apenas consome um enredo, mas organiza suas próprias memórias e sentimentos, construindo sentidos para sua trajetória pessoal. No contexto da pesquisa narrativa, os registros do diário de campo revelam que o momento da leitura torna-se uma oportunidade para o sujeito narrar a si mesmo, transformando o "pretexto" do livro em uma ferramenta de autoconhecimento e afirmação de sua identidade frente ao mundo.

Portanto, a atuação na Praça dos Ex-Combatentes reafirma o "esperançar" freiriano (1997) como uma prática política e afetiva. Ao ocupar o espaço público com livros, a pesquisa demonstra que a democratização do saber é inseparável da valorização da voz do sujeito. A experiência como mediadora evidencia que a leitura da palavra, quando ancorada na escuta sensível, devolve às crianças a capacidade de serem autoras de suas próprias interpretações. Ler e contar histórias no Paraíso deixa de ser uma atividade escolar isolada para tornar-se um ato de resistência cultural, em que a palavra escrita serve de suporte para que a comunidade imagine e projete novas realidades sociais.

7. Considerações

As reflexões e vivências organizadas ao longo desta pesquisa de Iniciação Científica demonstram que a mediação de leitura compartilhada, quando realizada em espaços públicos, transcende a mera transmissão técnica de conteúdo. Configura-se, assim, como um pilar essencial na formação da subjetividade leitora e na democratização do saber. As ações do projeto evidenciam que a literatura, tratada como direito humano fundamental conforme postulado por Antônio Cândido (2004), atua como potente instrumento de organização do caos interno e de humanização das crianças em uma praça do bairro Paraíso e da escola municipal de São Gonçalo. A presença física do livro na Praça dos Ex-Combatentes desmistifica o objeto literário, retirando-o de um local de privilégio e devolvendo-o ao seu lugar de direito: o cotidiano popular.

A trajetória como bolsista de Iniciação Científica revelou que o protagonismo infantil não é espontâneo, mas conquistado por meio de uma mediação sensível e intencional. Ao adotar a disposição circular e o diálogo horizontal propostos por Paulo Freire (1989), o projeto

validou a "leitura do mundo" que precede a "leitura da palavra". Nas rodas de mediação, as crianças não foram tratadas como recipientes de informação, mas como sujeitos de conhecimento que, ao relacionarem as narrativas às suas realidades periféricas, exerceram a curiosidade epistemológica. Este exercício de "reler" o mundo através do "pretexto" literário expressa o que Freire define como conscientização: a percepção crítica de que a leitura é ferramenta de poder para interpretar e intervir na própria história social.

Com base na visão teórica de Patrícia Corsino (2014), a investigação demonstrou que a criança é sujeito sociocultural ativo, produtor de cultura e sentidos de forma contínua. A pesquisa evidenciou que as leituras compartilhadas se transformam em letramento pleno quando o afeto e a ludicidade são reconhecidos como linguagens legítimas. A literatura funcionou como um laboratório de experiências humanas, permitindo ao leitor iniciante confrontar o desconhecido e expandir as fronteiras da imaginação, rompendo o isolamento do "eu" para habitar o lugar do "outro".

E com a visão interligada a pesquisa narrativa (auto)biográfica de Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016), os registros efetuados em diário de campo e as memórias desta Iniciação Científica revelam que o ato de narrar a experiência de leitura é, em si, um processo de formação. Ao mediar as rodas na praça e na escola e trazer essas experiências teorizadas para um artigo a pesquisadora ao falar sobre o livro e ao refletir sobre seu encontro com as crianças, realizar uma biografização do seu trabalho como bolsista, conforme aponta os estudos de Passeggi, Nascimento e Oliveira. Nesse momento, ela organiza o tempo, o espaço e as suas emoções, construindo-se como sujeito e produzindo um estudo singular. Essa perspectiva teórica permite afirmar que a mediação literária no projeto não buscou apenas o letramento literário funcional, mas ofereceu às crianças de São Gonçalo, o suporte para que pudessem narrar suas próprias existências com os textos, seus enredos, suas personagens e a interpretação dos colegas nas rodas de leitura, reconhecendo-se como protagonistas de suas histórias dentro e fora das páginas. E, de certo modo essa experiência também é vivida pela bolsista de iniciação científica, quando decide biografar suas experiências.

Para complementar a escrita, escolhemos seguir com a visão da Pedagogia da Esperança de Paulo Freire (1997), que nos permitiu a compreender que os círculos de leitura funcionaram como verdadeiros círculos de cultura, em que a esperança não foi um esperar passivo, mas uma "esperança do verbo esperar". O reencontro entre a universidade e a comunidade, mediado pela literatura, permitiu que a "leitura da palavra" se tornasse um ato de resistência contra a invisibilidade social muitas vezes imposta às infâncias periféricas. A pesquisa demonstrou que, ao garantir o direito ao imaginário, estamos, na verdade,

fortalecendo a ética e a estética da existência humana, elementos que Freire aponta como indispensáveis para uma educação que não apenas alfabetiza, mas liberta e humaniza o olhar sobre o território vivido.

A articulação entre a FFP-UERJ e a comunidade do Paraíso reforça a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Para a pesquisadora em formação, esta Iniciação Científica proporcionou a oportunidade de confrontar referenciais teóricos com as tensões e belezas da prática pedagógica concreta.

Concluimos inicialmente que investir em espaços de mediação lúdica e compartilhada é uma estratégia eficaz para enfrentar os índices de exclusão cultural e garantir que o acesso ao imaginário seja um bem comum. As contribuições deste estudo não se encerram nestas páginas, mas ecoam na certeza de que, ao incentivar a construção de sujeitos leitores em São Gonçalo, estamos colaborando para a formação de cidadãos críticos, sensíveis e plenamente conscientes da sua capacidade de reescrever a realidade a partir das palavras e dos encontros.

Referências

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. reorganizada pelo autor. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.
- CORSINO, Patrícia. **Travessias da literatura na escola**. 1ª Edição – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em: https://archive.org/details/importancia_ato_ler. Acesso em: 08 fev. 2026.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta. **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação**. Revista Lusófona de Educação, n. 33, p. 111-125, 2016.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo, SP: Perspectiva, 2011.